

purificação, que pode todavia ser antecipado através da auto-purificação ainda neste mundo; e finalmente, o paraíso, como o estar eternamente com o Senhor. Temas que regressam no apartado final, onde são apresentadas uma série de belíssimas orações centradas em diversos aspetos da temática versada no livro.

RAUL AMADO

RELIGIÕES

RIES, Julien, **Les origines des religions**, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 240 p., 270 x 210, ilustrado a cores, ISBN 978-2-204-09759-8.

Do prof. Julien Ries, da escola de Mircea Eliade e hoje cardeal da Igreja Católica, fez-se apresentação, no anterior fascículo de *Theologica*, da sua trilogia: *L'«homo religiosus» et son expérience du sacré, L'homme et le sacré e Symbole, mythe et rite – Constantes du sacré* (cf. *Theologica* 47,1 (2012) 191-195). Nas mesmas Editions du Cerf sai agora a público esta versão francesa da edição realizada em primeira mão pela Editorial Jaca BookSpA (Milano 2012), com idêntico formato e ilustrações de luxo. Este aspeto editorial pode levar a uma apressada avaliação do livro como se um intuito meramente comercial pudesse estar por detrás desta configuração rica e profusamente ilustrada. De facto, trata-se de uma excelente edição, em formato largo, em papel couché, recheada de ilustrações a cores e com excelente e cativante disposição gráfica do próprio texto. Na realidade, porém, se isso torna o livro atraente e mesmo de leitura cativante, o caso é que não lhe retira ou diminui o valor de um

livro de rigor e valor científico, escrito por esse grande especialista em história e fenomenologia das religiões, que é Julien Ries. As ilustrações são aí muito mais que formas decorativas. Elas são ilustrações e documentações do que vem exposto no texto escrito. Como explica Fiorenzo Facchini no Prefácio, ao estudar a história do sentimento religioso, desde as suas manifestações mais primitivas, J. Ries dispôs – e dispõe nesta exposição – de uma quantidade de documentação «enormemente enriquecida no espaço de um século no que se refere à atividade conceptual expressa pela tecnologia, as práticas funerárias, os pictogramas da arte parietal...», etc. O seu estudo já não se fundamenta, como se fazia há cerca de um século, a partir de diversas aproximações (evolutiva, etnológica, sociológica, fenomenológica, etc.). Baseia-se na documentação atualmente disponível nos domínios da paleontologia, da pré-história e da propto-história e sobre a sua interpretação segundo um método histórico, fenomenológico e hermenêutico.

O livro está estruturado em duas grandes partes. A primeira versa sobre «L'homme et le sacré». É uma parte mais propriamente dedicada ao sentimento religioso e às suas expressões, independentemente da situação do seu sujeito no tempo da história. Sem dúvida, com base nos dados históricos, mas sem a preocupação de apresentar a sucessão histórica da fenomenologia religiosa. O ser humano é aí dado como naturalmente religioso, pelo facto de os sinais da sua religiosidade – essencialmente simbólicos – acompanharem a sua presença no mundo desde os tempos mais remotos a que já foi possível recuar no encontro desses mesmos sinais, e que são identificados com os tempos do Neolítico. Por outras palavras, «o homem é *homo religiosus* porque é *homo symbolicus* desde a sua aparição». Daí que J. Ries dedique a

esta ideia o essencial desta primeira parte: experiência do sagrado; símbolo e linguagem simbólica; o mito e sua referência às origens; o rito na vida do *homo religiosus*; estruturas do comportamento religioso; religiões de tradição oral ainda vivas hoje; *homo habilis* e *symbolicus*; *homo erectus*, *homo sapiens* e simbólica da abóbada celeste; a descoberta da transcendência; nascimento e crescimento da consciência religiosa no homem.

Na segunda parte – «Da pré-história às grandes religiões» – J. Ries, sempre fazendo-se acompanhar de ilustrações documentativas, apresenta os essenciais desenvolvimentos e manifestações históricos do sentimento religioso: cultos funerários arcaicos; a arte franco-cantábrica; a mensagem religiosa da arte parietal; as primeiras instituições; a magia da caça; a arte religiosa da época das cavernas; sedentarização, cultura e religiosidade; os ritos funerários neolíticos; as casas sacralizadas e os santuários; os mitos agrários; o culto das deusas neolíticas; inscrições rupestres, menhirs e culto astral; a civilização dos indús e a religião pré-védica; a religião do homem sumero-babilónico; a mensagem religiosa do Egipto faraónico; a China o *Tao* e o *Yin-yang*; religiões indo-europeias e religiões da Índia; a mensagem de Zaratustra; revelação de Deus e religiões monoteístas.

Com bibliografia essencial selecionada e índice de lugares e pessoas.

JORGE COUTINHO

FILOSOFIA

MALDINEY, Henri, *L'art, l'éclair de l'être*, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 336 p., 215 x 145, ISBN 978-2-204-09603-4.

Aí está um título bem sugestivo: «A arte, o clarão do ser». Lembra, de imediato, a conhecida noção tomista da beleza como o esplendor da verdade. Como lembra – e de facto tem subjacente – a ideia heideggeriana da verdade como desvelamento, desocultação ou manifestação (*alêtheia*).

Um livro de não fácil leitura, porque escrito, não por um filósofo de estilo apolíneo (da racionalidade clara), mas por um pensador-artista, intérprete de obras de arte, com seu jeito de olhar (ou escutar) e descrever o que, a partir das profundezas do mistério que anda em tudo, a obra de arte lhe sugere. Uma leitura todavia com o seu quê de sedutora para os amantes deste modo de dizer a verdade, assumindo a arte como linguagem privilegiada do seu jogo de ocultamento/desocultamento.

Henri Maldiney, seu autor, faz esse exercício contemplando, analisando e interpretando uma série de obras de arte em vários registos. Assim, sobre Cézanne e Sainte-Victoire, no registo da pintura; mas também e com mais insistência sobre a poesia em geral, da qual afirma que, «se a fenomenologia é mostração do ser, o poema é a sua parusia» (p. 42). E sobre aspetos particulares desta, como é o caso de «espaço e poesia». Um caso concreto lhe merece largas páginas de análise e interpretação, e tal é do nascimento da poesia na obra de André du Bouchet. Outros capítulos incidem sobre o espaço e o sagrado; sobre as estruturas profundas e o fundamento existencial do fantástico e da arte fantástica; ou sobre imagem e arte. Um outro interroga-se sobre o tipo de fenomenologia próprio da arte. Finalmente, um capítulo dedicado ao tema «olhar, espaço, instante, na arte de Tal Coat».

Das páginas que gulosamente pude ler, fica-me no espírito um grande apetite de ler mais, porque o que nelas encontro é, de facto, altamente sugestivo e realmente